



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de Setembro de 2016

São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ENSINAR E APRENDER: O CASO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

JOSÉ ANTUNES REIS DA FONSECA

DIEGO SANTOS GARÇÃO

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

RESUMO O universo acadêmico e escolar se configuram como uma relação de ensino e aprendizagem que possibilita a inclusão de alunos de licenciaturas na realidade educacional das escolas públicas do ensino básico. Por isso, o processo de formação do docente, perpassa, além de outros fatores, pelas aulas práticas do estágio supervisionado. A proposta da disciplina é de cumprir o papel formador e inserir o aluno no contexto real, dando-lhe a missão de sujeito e protagonista responsável a assumir a sala de aula, se incumbindo a preparar o plano, organizar a metodologia e estratégias a serem desenvolvidas no âmbito escolar. A relação ensinar e aprender na prática docente permite-nos a desenvolver um trabalho que congregue uma base teórico-metodológica correlacionando com as experiências empíricas, contribuindo para o desenvolvimento da ação docente no processo ensino-aprendizagem. **Palavras-chave:**

Ensino-Aprendizagem. Formação Docente. Estágio Supervisionado. **ABSTRACT** The academic and school environment are configured as a teaching and learning relationship that enables the inclusion of undergraduate students in the educational reality of public primary schools. Therefore, the teacher training process, runs through, among other factors, the practical lessons of supervised training. The purpose of the course is to meet the trainer role and place the student in a real context, giving it the mission of subject and protagonist responsible to take the classroom, is leaving it to prepare the plan, organize methodology and strategies to be developed in schools. The analysis of the teaching and learning in teaching practice allows us to develop a work that brings together theoretical and methodological basis to correlate with the empirical experience, contributing to the development of the teaching activities in teaching-learning process. Key-Word:

Teaching and Learning. Teacher Training. Supervised internship.

ENSINAR E APRENDER: O CASO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Eixo 18: Formação de Professores: Memória e Narrativas RESUMO O universo acadêmico e escolar se configuram como uma relação de ensino e aprendizagem que possibilita a inclusão de alunos de licenciaturas na realidade educacional das escolas públicas do ensino básico. Por isso, o processo de formação do docente, perpassa, além de outros fatores, pelas aulas práticas do estágio supervisionado. A proposta da disciplina é de cumprir o papel formador e inserir o aluno no contexto real, dando-lhe a missão de sujeito e protagonista responsável a assumir a sala de aula, se incumbindo a preparar o plano, organizar a metodologia e estratégias a serem desenvolvidas no âmbito escolar. A relação ensinar e aprender na prática docente permite-nos a desenvolver um trabalho que congregue uma base teórico-metodológica correlacionando com as experiências empíricas, contribuindo para o desenvolvimento da ação docente no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Formação Docente. Estágio Supervisionado.

ABSTRACT The academic and school environment are configured as a teaching and learning relationship that enables the inclusion of undergraduate students in the educational reality of public primary schools. Therefore, the teacher training process, runs through, among other factors, the practical lessons of supervised training. The purpose of the course is to meet the trainer role and place the student in a real context, giving it the mission of subject and protagonist responsible to take the classroom, is leaving it to prepare the plan, organize methodology and strategies to be developed in schools. The analysis of the teaching and learning in teaching practice allows us to develop a work that brings together theoretical and methodological basis to correlate with the empirical experience, contributing to the development of the teaching activities in teaching-learning process. **Key-words:**

Teaching and Learning. Teacher Training. Supervised internship. **INTRODUÇÃO** O universo acadêmico e escolar se configuram como uma relação de ensino e aprendizagem que possibilita a inclusão de alunos de licenciaturas na realidade educacional das escolas públicas do ensino básico. Por isso, o processo de formação do docente, perpassa, além de outros fatores, pelas aulas práticas do estágio supervisionado. As perspectivas de uma formação exitosa dos estagiários se qualificam à medida em que o processo formativo se configurem como um diálogo entre a teoria e a prática. É a partir dessas análises que o presente artigo busca mostrar a importância da disciplina estágio supervisionado para o estagiário no processo de ensinar e aprender na prática docente. A proposta da disciplina é de cumprir o papel formador e inserir o aluno no contexto real, dando-lhe a missão de sujeito e protagonista responsável a assumir a sala de aula, se incumbindo a preparar o

plano, organizar a metodologia e estratégias a serem desenvolvidas dá-se a partir da estrutura organizacional, da forma como os diversos conteúdos integram-se e são trabalhados de modo a promover um entendimento do conteúdo por parte dos alunos, para isso, os estagiários precisam conhecer as características da turma. A relação ensinar e aprender na prática docente permite-nos a desenvolver um trabalho que congregue uma base teórico-metodológica correlacionando com as experiências empíricas, contribuindo desta maneira para o desenvolvimento da ação docente no processo ensino-aprendizagem. A pretensão é também fazer uma análise do conteúdo do livro didático e as formas a serem trabalhadas. As experiências foram desenvolvidas na Escola Municipal João Paulo II, localizado no Povoado Parque dos Faróis, Nossa Senhora do Socorro – Sergipe, entre os dias 17/08/2015 e 05/10/2015 com a turma do 9º ano A do ensino fundamental, tendo como tema da unidade O Continente Europeu. **O DIÁLOGO COM A PRÁTICA DOCENTE** A experiência do educador com o ensino básico é um dos momentos mais importantes que possibilita a troca de informações, viabiliza o crescimento profissional e intelectual permitindo uma ascensão em sua trajetória. Essa fase é fundamental para a formação do discente como um ser atuante e comprometido com a educação de modo geral. Inserido nesse mesmo contexto, os estagiários procurou trazer o aporte teórico e dimensionar a relevância da prática do estágio no aprendizado a partir do que se presencia na sala de aula. Como é de conhecimento de todos, a organização e aplicação da aula são de responsabilidade do estagiário, fato atípico ocorreu neste estágio, o aluno Diego Santos Garção já atuava como professor na referida turma, o mesmo usou a sua experiência de regência para ser avaliado na disciplina do estágio. O domínio e o conhecimento prévio da turma facilitaram no desenvolvimento das aulas, considerando que essa fase do curso deixa o estagiário inseguro devido ao pouco acesso com o ambiente escolar. Compreender as necessidades dos alunos através das aulas significa refletir o que está a sua volta, a comunidade a qual eles estão inseridos, a estrutura da escola, o ambiente da sala de aula se tornam fatores que possibilitam uma articulação melhor entre aluno/estagiário, estagiário/aluno. É nesse contexto que o licenciando se coloca como um professor e como aprendiz ao mesmo tempo. Cada vez mais a contribuição do estágio se configura como uma peça importante não apenas para a aplicação do conteúdo, mas sim, como algo oportuno na mediação e na troca de saberes na relação professor-aluno. A experiência do acadêmico com o ensino básico é um dos momentos mais importantes para o crescimento profissional e intelectual de sua trajetória. Segundo Gil (1994) e Masseto (2003), este caráter de autoafirmação do próprio processo de produção do conhecimento na realização da prática didática possui ainda uma singular particularidade quando nos voltamos para os centros de formação de educação superior, tendo em vista que nesta etapa são a um só tempo a

experiência de carreira com a necessidade de se formar novos postulantes aos centros de pesquisa e também às salas de aula de formação das inúmeras carreiras da academia. Ainda no mesmo ponto de vista Oliveira e Pontuschka (2006, p. 217), ressaltam a importância desta dialogia pedagógica como importante meio de formação e aprendizado tanto para os alunos como para os professores no processo de ensino e aprendizagem: “É inseparável. Isso porque o ensino/aprendizagem é um processo que implica movimentos, atividades, dinamismo; é uma ação continuamente. Ensina-se aprendendo e aprende-se ensinando”. Na prática pedagógica, as alternativas metodológicas são bem vindas, elas auxiliam os alunos na compreensão dos conteúdos e, sobretudo a instiga-lo ao prazer pela aula e a prática da pesquisa, tornando-os sujeitos/protagonistas do processo ensino-aprendizagem. Tendo em vista as dificuldades inerentes à escola, a começar pela arquitetura da mesma em específico das salas de aulas que são apertadas e expostas ao barulho externo, os estagiários propuseram e realizaram uma metodologia de ensino que abarcasse a classe como um todo. A turma era composta por cinquenta alunos, algo que dificultava um pouco o andamento da aula, mas isso não foi um entrave no êxito das aulas ao longo do estágio. Para manter a sala em ordem, foi necessário ser bastante rígido, a todo o momento era chamado à atenção dos alunos mais “conversadores” e em alguns momentos convidando alguns a vir até a frente para fazer a leitura do conteúdo. Bem como convidando a todos a acompanhar a aula, também através das páginas do livro didático, fazendo a leitura e interpretação dos mapas, dos gráficos e das imagens. Algo que despertou o interesse dos alunos foi justamente o que foi colocado no parágrafo anterior: as imagens, os mapas e os gráficos. Por se tratar de conteúdo muito distante “O continente europeu” os textos pouco importava para eles, o apego se deu mais no que era visto, perceptível, interpretável. Sendo assim, os estagiários procuram explorá-los ao máximo possível, desenvolvendo a capacidade crítica, reflexiva e interpretativa. Ainda sobre o uso do conteúdo cartográfico em sala de aula Francischett (2004) comenta:

Linguagem cartográfica reafirma sua importância no ensino de Geografia porque contribui não apenas para que os alunos compreendam os mapas, mas para que eles desenvolvam capacidades cognitivas relativas à representação e ainda, do espaço e do espaço na representação e ainda, oferece a compreensão necessária para que se construam conhecimentos fundamentais de leiturização na Geografia. (Francischett, 2004, p. 1).

Assim, um dos objetivos das aulas foi que os estudantes conseguisse relacionar o conteúdo do livro com o espaço geográfico, que pudessem fazer a leitura de mapas e compreender os elementos que a compõe. Barbosa

(2008) destaca, é fundamental que os professores de Geografia trabalhem com a cartografia, uma vez que os mapas são fontes iconográficas e possibilitam interpretações das representações dos elementos espaciais mapeados; assim, os alunos compreenderão as mudanças geográficas, históricas, econômicas e culturais por meio da linguagem cartográfica, tão importante quanto às demais linguagens. Considerando ainda a falta de suporte técnico da escola aos professores e estagiários, impossibilitando aulas com Datashow, importante para mostrar e expor o conteúdo, não tinha disponível o mínimo de estrutura como: ventiladores, quadro negro adequado, mapas, etc. Tornando-o a aula um desafio a cada dia, e infelizmente instigando o modelo tradicional de ensino. Mas, independentemente do que aconteça, um professor deve se dispor sempre de meios que possibilitem a inclusão dos alunos na aula e facilite o entendimento dos mesmos acerca do conteúdo. Pensando nisso, os estagiários, sabendo da “distância” e dificuldade que é de entender o conteúdo sobre o continente europeu, procurou-se a todo o momento explicar e exemplificar o conteúdo partir da realidade deles, ou seja, quando se falava dos fatores do clima, das cidades, da hidrografia e do relevo da Europa, os exemplos dados em sala de aula eram voltados para o Brasil, para Sergipe e sobre tudo para Aracaju. Sobre o trabalhar o cotidiano dos alunos, alguns autores relatam a importância na perspectiva de aproximar o conteúdo que de certa forma está distante o máximo possível para a realidade deles. Castellar (2009) frisa bem isso, segundo ela, ensinar a ler o mundo é um processo que se inicia quando o aluno conhece os lugares, e consegue identifica-lo. A mesma autora, embasada em Vieira, salienta ainda que: A compreensão da organização da sociedade faz-se mais concreta à medida que o professor inicia seus estudos a partir dos elementos presentes na realidade espacial vivida pelos alunos. Considerando as dificuldades que permeia o âmbito escolar, Grande parte dos professores tenta instigar os alunos a estudar a disciplina a qual ele leciona, porém, em maior parte não consegue, encontram-se alunos desmotivados devido a problemas extraclasse ou interno à escola. Mas em se tratando de alunos, adolescentes e futuros profissionais a motivação deve vir sempre, é importante compreender, por um lado, que é papel do professor orientar e intervir através da mediação didática (LIBANEO, 2009). Pra começar é necessário voltar as discursão do cotidiano do aluno. As categorias de análise da

geografia: espaço, paisagem e lugar são imprescindíveis nesse contexto. A intenção de trazer a realidade foi pensada de modo que o aluno entendesse o conteúdo de forma mais simples e próximo deles possível. Assim, para saber o que está inerente a ele e as transformações do espaço é importante saber o conceito daquela que faz parte da vida deles, uma delas é a paisagem:

Uma unidade visível do arranjo espacial que a nossa visão alcança. A paisagem tem um caráter social, pois ela é formada de movimentos impostos pelo homem através do seu trabalho, cultura, emoção. A paisagem é percebida pelos sentidos e nos chega de maneira informal ou formal, ou seja, pelo senso comum ou de modo seletivo e organizado. Ela é produto da percepção e de um processo seletivo de apreensão, mas necessita passar a conhecimento espacial organizado, para se tornar verdadeiro dado geográfico. A partir dela, podemos perceber a maior ou menor complexidade da vida social. Quando a compreendemos desta forma, já estamos trabalhando com a essência do fenômeno geográfico (PCN, 1997, p.32). A partir do diagnóstico da escola e da percepção da realidade dos alunos pode-se conhecer um pouco do cotidiano deles, entender as relações existentes entre eles e o lugar em que vivem levando em consideração o sentimento de pertencimento. Sendo assim, segundo os PCNs (1997) o conceito de lugar é:

Lugar é a porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e cria identidade. Ele possui densidade técnica, comunicacional, informacional e normativa. Guarda em si o movimento da vida, enquanto dimensão do tempo passado e presente (PCNs, 1997, p.32).

Quando se fala em ensinar e aprender com a prática docente, remete-se aos processos que ocorrem em sala de aula, a proposta da disciplina é que o estagiário lecionasse o conteúdo que o professor regente trabalha cotidianamente. Mas o aprender é sobre tudo o ganho com a experiência, com o contato com os alunos e principalmente com organização e planejamento das aulas. À medida que as aulas vão passando, os licenciandos irão ganhando mais confiança, o fato de um dos estagiários ter experiência de regência na turma contribuiu positivamente para o desenvolvimento e controle da mesma. Nitidamente, ficava claro no

comportamento dos alunos, quando colaboravam fazendo silêncio, via-se um respeito mutuo, quando faziam barulho logo era chamado à atenção, e rapidamente eles voltavam o interesse na aula. Tudo isso foi observado pelos estagiários que, ao moldar e trazer o interesse deles para a aula extraiu nisso maneiras de “controlar” e atrair a atenção dos alunos para aula. Voltando a discursão do ensinar e aprender com a prática docente, Castellar, Menezes e Pinto (2014, p. 172) afirmam:

O desafio proposto é ensinar os licenciandos a aprender. Saber aprender é dominar processos de como se aprende. Dominado este processo, os alunos da educação básica ficarão na escuta, aprenderão a organizar seus pensamentos, a refletir em suas particularidades e, depois, independente da escola, aprenderão o mundo (CASTELLAR, MENEZES, PINTO, 2014, p. 172). O professor, aquele que sabe como se faz e como se ensina, é capaz de criar uma aula sobre o que está a disposição dele, sejam a partir de gráficos, mapas, figuras e matérias didáticas para encantar o aluno em suas leituras e viagens pelo mundo do imagético. Dialogar e adentrar o universo dos alunos é a eficácia mais importante capaz de despertar o interesse dos alunos nas aulas de geografia, foi perceptível durante os estágios. O aprender a fazer, na pratica possibilitou um olhar diferenciado sobre o ensino, perceptível nas relações estabelecidas em sala de aula. No decorrer do estágio, houve uma aproximação dos alunos com os professores, trataram e foram tratados com educação, respeito e sabedoria, sempre que tinham dúvidas, vinham até os estagiários perguntar. Apesar da dificuldade de alguns, no geral, entenderam a proposta das aulas dos estagiários. Diante do que foi exposto até aqui, deve se considerar também o que não foi concluído devido a pouca disponibilidade de tempo e as propostas que poderia ser executadas. As oficinas pedagógicas e a interdisciplinaridade são exemplos. Quando se iniciou o estagio, a proposta seria executar uma dinâmica ao final do estágio, mas devido à incompatibilidade de horários da escola e da universidade não foi possível. Porém não se pode deixar de ressaltar aqui a importância do uso dessa metodologia no ensino fundamental. Ao participar de atividades lúdicas o aluno desenvolve a imaginação, a prática e a interação com os colegas. Rupel, (2009, p. 5) cita ARNAUD SOARES que, em entrevista a Folha Dirigida, RJ – 19/06/2016 afirma:

Trabalhar com o lúdico implica em abordar o prazer, que é fundamental no processo de organização/estruturação da subjetividade humana. Por isso, não se trata de um aspecto de menor importância a ser trabalhado nas escolas. As atividades lúdicas ou o lúdico como um fundamento dos processos formativos implica o desenvolvimento cognitivo e nos modos e mecanismos da aprendizagem, entre outros, supõe competências específicas e, até então, pouca aprofundada no âmbito da educação formal. Está cada vez mais evidente que é possível produzir, aprender e trabalhar com prazer (RUPEL, 2009, p. 66). Fica claro a importância de se trabalhar o lúdico nas aulas de geografia, por que a depender de como se trabalha, pode-se contribuir com a formação integral do aluno. Eles passam a serem sujeitos e protagonista do processo, justamente pelo poder, ação e autonomia de desenvolver as atividades. Outro fator importante é o uso da interdisciplinaridade nas aulas de geografia, ela se torna essencial na formação completa dos alunos. Porém, ao longo da história se tornou um entrave e foi motivo de discursões sobre a real utilização. Acreditando na eficácia das inter-relações disciplinares que buscam propiciar aos alunos, professores e pesquisadores uma formação crítica e conjunta dos fatores transformadores do espaço. Dar-se na interdisciplinaridade a proposta da prática via atividades extra sala, com destaque para os "Estudos do Meio" e "Trabalhos de Campo" agregando outras ciências. Segundo FAZENDA (1995), houve um consenso de que, para atingir a interdisciplinaridade, tanto na pesquisa como no ensino, seria preciso buscar entender a totalidade. Assim, foi através da totalidade como categoria de análise, respaldada pela "teoria geral dos sistemas" que se concentraram os esforços na construção epistemológica da interdisciplinaridade na década de 1970. FAZENDA (1995) afirma que no final dos anos 1950 e nas décadas de 1960 e 1970, a interdisciplinaridade foi mal interpretada e utilizada como forma de manipulação ideológica da educação. Nesse período, segundo a autora, "Em nome da interdisciplinaridade, todo projeto de uma educação para a cidadania foi alterado, os direitos do aluno/cidadão foram cassados, através da cassação aos ideais educacionais mais nobremente construídos". Em 1990 houve um movimento de poder construir uma nova epistemologia, isso seria uma função da interdisciplinaridade, porém essa é uma tarefa difícil de ser realizada devido à situação da educação no país. FAZENDA (1995) afirma que:

O número de projetos educacionais que se intitulam interdisciplinares vem aumentando no Brasil, numa progressão geométrica, seja em instituições públicas ou privadas, em nível de escola ou de sistema de ensino. Surgem da intuição ou da moda, sem lei, sem regras, sem intenções explícitas, apoiando-se numa literatura provisoriamente difundida (FAZENDA, 1995, p. 86). Atualmente, muitos autores centram-se no desenvolvimento científico ligado à interdisciplinaridade, relatando as pesquisas bem-sucedidas sobre o assunto e apontando os caminhos para superar as dificuldades e conquistar credibilidade. Conforme afirma JAPIASSÚ (1976).

A metodologia interdisciplinar irá exigir de nós uma reflexão mais profunda e mais inovadora sobre o próprio conceito de ciência e de filosofia, obrigando-nos a desinstalar-nos de nossas posições acadêmicas tradicionais, das situações adquiridas e a abrir-nos para perspectivas e caminhos novos (JAPIASSÚ, 1976, p. 54). FAZENDA (1995) diz que, a revisão contemporânea do conceito de ciência orienta-nos para a exigência de uma nova consciência, que não se apoia apenas na objetividade, mas que assume a subjetividade em todas as contradições. Segundo JAPIASSÚ (1976), os principais problemas epistemológicos referentes à interdisciplinaridade são os seguintes: resistência dos especialistas ao projeto interdisciplinar; inércia das instituições que evidenciam a especialização e mantêm a fragmentação; a pedagogia que busca leis funcionais, o que implica na divisão de disciplinas; e o não questionamento das relações entre ciências naturais e ciências humanas. **CONCLUSÃO** A referida fase do estágio é de extrema importância para o desenvolvimento e formação docente do licenciando. Fazer parte do processo de ensino-aprendizagem do aluno é algo imensurável, sobretudo daqueles que ainda estão em processo de formação, que exige cuidado e sabedoria no passar dos conteúdos, e acima de tudo paciência. Por isso, um dos objetivos do trabalho foi relatar o significado e a importância do estágio supervisionado, considerando o ensinar e o aprender na prática docente. A aquisição de conhecimento adquirida com o planejamento e organização das aulas, bem como a experiência na realidade educacional se fizeram importantes no crescimento profissional do estagiário. Durante a exposição deste trabalho, enfatizou-se a importância, também, da forma como o professor deve metodologicamente mediar as aulas. Trabalhar o cotidiano do aluno, algo que está inerente a ele é fundamental no processo de

ensino-aprendizagem. Bem como o uso da interdisciplinaridade nas aulas de geografia, contextualizar os conteúdos a partir da conexão de outras ciências fundamentada no aporte teórico e empírico é imprescindível na agregação de valores e conhecimento para os alunos. O presente artigo contribuiu ainda com análises e citações a cerca da utilização da ludicidade durante as aulas de geografia, o método é uma estratégia eficiente para tornar a disciplina mais atraente, incentivando os alunos a buscar o conhecimento através da pesquisa ou da interação direta com o conteúdo e a turma, tornando-os sujeitos protagonistas do processo educativo. O período de estágio contribuiu muito para o processo de formação docente dos estagiários, a partir do contato com a turma, professores e demais pessoas que envolvem a escola, significou experiência adquirida e conhecimento prático da realidade educacional brasileira. **REFERÊNCIAS:**

BARBOSA, T. **A miséria da geografia: respostas epistemológicas à categoria território.** Ciência Geográfica, v. XIII, p. 07-14, 2008.

CASTELLAR, S. M, VANZELLA; SACRAMENTO, Ana Cláudia, R.; Moraes, J. V. **Jogos e resoluções de problemas no ensino de Geografia.** Plures. Humanidade (Ribeirão Preto), v 11. P. 104-117, 2009.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** São Paulo: Papirus, 1995.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no ensino de Geografia: a aprendizagem mediana.** 20ª Ed. Cascavel – Paraná: Edunioeste, 2004.

GIL, Antônio. **Metodologia do Ensino Superior.** São Paulo: Atlas, 1994

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Docência Universitária: formação do pensamento teórico científico e atuação nos motivos dos alunos.** In: D'AVILA, Cristina. Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo. Curitiba: CRV, 2009.

MASSETO, M. T. **Competência Pedagógica do Professor Universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, C. D. M; PONTUSCHKA, N. N. **Repensando e refazendo uma prática de estágio no ensino de Geografia.** In: VESSENTINI, José William et al. Geografia e ensino: Textos críticos. 9. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 117-134.

PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais – **do ensino médio** PCNEM (Brasil, 1997 e 1998 Pg. 32).

RUPEL, Maria Aparecida Pavelsiki. **Atividades lúdicas: proposições metodológicas para o ensino de Geografia Escolar.** PDE/2008-2009. SEED/UFPR.

SANTOS, Leonardo Pinto, MENEZES, Victória

Sabbado, CASTELLAR, Roselane Zordan. **Ser professor é ser pesquisador: a contribuição do PIBID na formação do educador pesquisador.** Revista de Ensino de Geografia. Uberlândia-MG, v. 5, n. 9, p. 169-176, Jul/Dez. 2014.

BARBOSA, T. **A miséria da geografia: respostas epistemológicas à categoria território.** Ciência Geográfica, v. XIII, p. 07-14, 2008. CASTELLAR, S. M, VANZELLA; SACRAMENTO, Ana Cláudia, R.; Moraes, J. V. **Jogos e resoluções de problemas no ensino de Geografia.** Plures. Humanidade (Ribeirão Preto), v 11. P. 104-117, 2009. FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** São Paulo: Papirus, 1995. FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no ensino de Geografia: a aprendizagem mediana.** 20ª Ed. Cascavel – Paraná: Edunioeste, 2004. GIL, Antônio. **Metodologia do Ensino Superior.** São Paulo: Atlas, 1994 JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220 p. LIBÂNEO, José Carlos. **Docência Universitária: formação do pensamento teórico científico e atuação nos motivos dos alunos.** In: D'AVILA, Cristina. Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo. Curitiba: CRV, 2009. MASSETO, M. T. **Competência Pedagógica do Professor Universitário.** São Paulo: Summus, 2003. OLIVEIRA, C. D. M; PONTUSCHKA, N. N. **Repensando e refazendo uma prática de estágio no ensino de Geografia.** In: VESSENTINI, José William et al. Geografia e ensino: Textos críticos. 9. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 117-134. PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais – **do ensino médio** PCNEM (Brasil, 1997 e 1998 Pg. 32). RUPEL, Maria Aparecida Pavelsiki. **Atividades lúdicas: proposições metodológicas para o ensino de Geografia Escolar.** PDE/2008-2009. SEED/UFPR. SANTOS, Leonardo Pinto, MENEZES, Victória Sabbado, CASTELLAR, Roselane Zordan. **Ser professor é ser pesquisador: a contribuição do PIBID na formação do educador pesquisador.** Revista de Ensino de Geografia. Uberlândia-MG, v. 5, n. 9, p. 169-176, Jul/Dez. 2014.

*Licenciando em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES (PIBID Geografia). E-mail:

antunesreisfonseca@hotmail.com

**Licenciando em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES (PIBID Geografia). E-mail: diegosantogarco@yahoo.com.br

Recebido em: 05/08/2016

Aprovado em: 06/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: